

# UM ESTUDO DA DIVERSIDADE CULTURAL A PARTIR DAS ARTES AFRICANA, AFRO-BRASILEIRA E INDÍGENA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

## A STUDY OF CULTURAL DIVERSITY BASED ON AFRICAN, AFRO- BRAZILIAN AND INDIGENOUS ARTS IN PRIMARY EDUCATION

Rafael Jacson da Silva Carneiro de Oliveira<sup>1</sup>

Jakelyane Do Socorro Das Neves Barbosa<sup>2</sup>

Otemar de Oliveira Cruz<sup>3</sup>

Natalina Vieira Nojosa<sup>4</sup>

Michele Amorim de Souza<sup>5</sup>

Adriana Valéria Miranda Delarolli<sup>6</sup>

**Resumo:** Esta pesquisa tem como premissa fomentar discussões sobre a importância da abordagem da diversidade cultural enfatizando as artes africana, afro-brasileira e indígena nas aulas de arte no contexto da educação básica, através da construção de reflexões que permitam a valorização e reconhecimento dessas culturas como formadoras da identidade cultural brasileira. Trata-se de uma pes-

---

1 Professor na modalidade de Educação Especial na Sedu-ES, Mestre em Teologia pelo ITL, Licenciado em Pedagogia e Educação Especial pela Fasamar e FBM, Coordenador na Zao Atendimento Neuropsicopedagógico

2 Pedagoga pela Unopar. Letróloga pela Uepa, Especialista em AEE pela FACUMINAS, Especialista em Estudos Linguísticos e Literários pela Uepa, Técnica na Semed em SMG-Pa

3 Bacharel em Direito pela CESEB-FACISA, Graduando em Matemática pela UESC, Pós graduando em Matemática da Tecnologia; e pós graduando em Educação Especial, ambas pela Anhanguera, Professor de Matemática da Rede Municipal de Alcobaça-BA, Assessor Jurídico do Município de Caravelas- BA

4 Professora na Seduc-Pa, Licenciada em Letras - Português e Inglês pela Unama

5 Professora da modalidade de Educação Especial na Sedu-Es, Licenciatura em Pedagogia, Universidade Uniasselvi

6 Professora na modalidade de Educação Especial na prefeitura de Serra , Es e na Sedu-Es Mestranda em Tecnologias Emergentes na Educação ) pela faculdade tal ( MUST University)



quisa de natureza bibliográfica, tendo como principal corpo teórico, autores e artigos que conversam sobre o tema, assim como também de legislações que versam sobre o assunto. Com base nesta pesquisa é possível engendrar reflexões acerca dos elementos ricos que constituem as culturas africana, afro-brasileira e indígenas para disseminá-las como pertencentes à cultura brasileira, bem como a arte implícita nessas culturas e sua relação com âmbito educacional. Com isso, a reflexão pretende auxiliar professores da educação básica que se sentem desafiados a abordar significativamente a temática, com o respeito e a valorização que lhe são devidos dentro e fora da escola.

**Palavras-chave:** diversidade cultural. Arte na Educação. Arte Africana, Indígena e Afro-brasileira.

**Abstract:** The premise of this research is to encourage discussions about the importance of approaching cultural diversity, emphasizing African, Afro-Brazilian and indigenous arts in art classes in the context of basic education, through the construction of reflections that allow the appreciation and recognition of these cultures. as makers of Brazilian cultural identity. This is a bibliographical research, having as its main theoretical body, authors and articles that talk about the subject, as well as legislation that deals with the subject. Based on this research, it is possible to engender reflections about the rich elements that constitute African, Afro-Brazilian and indigenous cultures to disseminate them as belonging to Brazilian culture, as well as the implicit art in these cultures and their relationship with the educational field. With this, the reflection intends to help basic education teachers who feel challenged to significantly approach the theme, with the respect and appreciation that are due to them inside and outside the school.

**Keywords:** cultural diversity. Art in Education. African, Indigenous and Afro-Brazilian Art.

## INTRODUÇÃO

A diversidade cultural entende-se sob os vários aspectos que representam particularmente as

diferentes culturas, sejam a linguagem, as tradições, a culinária, a religião, os costumes, o modelo de organização familiar, a política, entre outras características próprias de um grupo de seres humanos que habitam um determinado território.

Quando se refere a essa diversidade dessa cultura nas aulas de artes, pois na sociedade globalizada atual o tema diversidade – étnica, cultural, religiosa, racial e de gênero – é muito pertinente e de plena relevância nos debates sociais, políticos, ambientais e econômicos, mas assume uma importância ainda maior no âmbito educacional, pois a escola é a entidade construtora da sociedade e responsável pela formação do aluno enquanto cidadão atuante.

A instituição da Lei 10.639/2003, à medida que preconizou o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana no currículo escolar vem, provocando mudanças no cotidiano da escola da educação básica, sobretudo porque docentes passaram a estabelecer em seus currículos e metodologias sobre essas variadas culturas como forma de valorização.

Este trabalho de cunho bibliográfico objetiva tecer uma discussão sobre a abordagem da diversidade cultural nas aulas de artes, pois é muito pertinente e de plena relevância a arte nessas culturas na educação sob o viés de uma diversidade cultural que foi importante para a formação do Brasil. Assim, a pesquisa trata a seguinte indagação: qual é a importância da abordagem da diversidade cultural – enfocando as culturas africana, afro-brasileira e indígena – nas aulas de arte na educação básica?

O estudo fundamenta-se sobre a riqueza presente nas histórias e cultura Afro-Brasileira, indígena e Africana, fazendo essa relação com o currículo de artes, portanto através dessa pesquisa insere-se um processo de possível luta pela superação do racismo e desigualdade, assim as ações pedagógicas diante da lei nº 10.639/03 que podem ser vistas como uma medida para impulsionar grandes mudanças na escola e na sociedade, fazendo com que as crianças reflitam desde cedo sobre a discriminação racial, a diversidade étnica, gerando debates, estimulando valores e comportamentos de respeito e solidariedade com outras culturas e ainda possam entender a importância desses povos no contexto de formação histórica no país.

## DESENVOLVIMENTO

### DIVERSIDADE CULTURAL E A ARTE NA EDUCAÇÃO

A concepção de diversidade cultural representa o conjunto das distintas culturas que existem no planeta sejam elas de quaisquer tipos. O conceito de cultura compreende o conjunto de costumes e tradições de um povo os quais são transmitidos de geração em geração. Como elementos culturais representativos de um determinado povo destacam-se alguns: língua, crenças, comportamentos, valores, costumes, religião, folclore, dança, culinária, arte, dentre outros. Quando trazida essa realidade para o Brasil tem-se a importância de mencionar que a cultura brasileira foi muito influenciada por aspectos culturais da africana e indígena principalmente culminando no que pode se chamar de cultura brasileira.

Então, basear toda a história, cultura e identidade do Brasil nos parâmetros da Europa ocidental somente leva a ignorar as demais culturas e povos – principalmente os africanos e os indígenas – que contribuíram fundamentalmente para a formação da sociedade, cultura e identidade brasileira.

A busca de identidade cultural passou a ser um dos objetivos dos países considerados independentes como foi o caso do Brasil cuja cultura tinha sido, até então, institucionalmente definida pelos poderes centrais metropolitanos e cuja história foi escrita pelos colonizadores, principalmente no que diz respeito a Portugal. Contudo, a identidade cultural não é uma forma fixa ou congelada mas um processo dinâmico, enriquecido através do diálogo e trocas com outras culturas.

Portanto, a arte na educação como expressão pessoal e como cultura é um importante instrumento para a identificação cultural e o desenvolvimento. Através da arte é possível desenvolver a percepção e a imaginação, apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica permitindo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada. Ela supera o estado de despersonalização, inserindo o indivíduo no lugar ao qual pertence.

A Educação poderia ser o mais eficiente caminho para estimular a consciência cultural do

indivíduo, começando pelo reconhecimento e apreciação da cultura local. Contudo a educação formal no Terceiro Mundo Ocidental foi completamente dominada pelos códigos culturais europeus e, mais recentemente, pelo código cultural norte-americano branco.

A cultura indígena só é tolerada na escola sob a forma de folclore, de curiosidade e exotismo; sempre como uma cultura de segunda categoria. Em contraste, foi a própria Europa que, na construção do ideal modernista das artes, chamou a atenção para o alto valor das outras culturas, do leste e do oeste, através da apreciação das gravuras japonesas e das esculturas africanas.

Diante disso, é necessário que a educação forneça um conhecimento sobre a cultura local, a cultura de vários grupos que caracterizam a nação e a cultura de outras nações. Através das artes temos a representação simbólica dos traços espirituais, materiais, intelectuais e emocionais que caracterizam a sociedade ou o grupo social, seu modo de vida, seu sistema de valores, suas tradições e crenças.

A arte é quase tão antiga quanto a humanidade, sendo uma das primeiras manifestações do ser humano e é uma prática exclusiva deste, nenhum outro animal é capaz de produzi-la. Ao longo da história, o homem precisou adquirir conhecimentos, desenvolver habilidades e criar ferramentas que atendessem aos seus interesses e necessidades bem como de objetos e formas para marcar sua presença, transmitir seu conhecimento, expressar suas experiências, sensações e sentimentos, expor suas crenças, estimular e entreter a si mesmo e aos outros e, também, para explorar novas perspectivas de mundo.

É lícito supor que, o ser humano cria a arte como um modo de sobrevivência, para ajudar no seu cotidiano (arte utilitária), como um meio de comunicação (de ideias, experiências, crenças, etc.) e como uma maneira de decorar seu ambiente e de se expressar. A arte é uma manifestação única que faz com que o indivíduo se sinta vivo e possa demonstrar a sua identidade.

Portanto, a arte, como uma linguagem presentacional dos sentidos, transmite significados que não podem ser transmitidos através de nenhum outro tipo de linguagem, tais como as linguagens discursiva e científica. Então, não podemos entender a cultura de um país sem conhecer sua arte e

suas expressões. Sem conhecer as artes de uma sociedade, só podemos ter conhecimento parcial de sua cultura. Aqueles que estão engajados na tarefa vital de fundar a identificação cultural não podem alcançar um resultado significativo sem o conhecimento das artes.

Muitas demonstrações da arte podem ser concebidas seja por meio da poesia, dos gestos, da imagem, ou seja, as artes falam aquilo que a história, a sociologia, a antropologia, etc, não podem dizer porque elas usam um outro tipo de linguagem, a discursiva e a científica, que sozinhas não são capazes de decodificar nuances culturais. Na concepção de Azevedo Júnior (2007, p.7)

“Arte é conhecimento, e partindo deste princípio, pode-se dizer que é uma das primeiras manifestações da humanidade, pois serve como forma do ser humano marcar sua presença criando objetos e formas que representam sua vivência no mundo, o seu expressar de ideias, sensações e sentimentos e uma forma de comunicação.”

Para o autor arte é, antes de tudo, trabalho, pois é utilizada como uma ferramenta para modificar a natureza, dar uma nova forma à sociedade, de externar a imaginação e as ideias. Contudo, é também conhecimento, visto que é uma manifestação resultante de habilidades e experiências adquiridas pelo ser humano durante sua vida.

## ARTE AFRICANA

A história da arte africana originou-se no período pré-histórico, quando a humanidade ainda não havia inventado a escrita. Suas esculturas mais antigas encontradas, datam de 1.500 a.C., e foram produzidas pela cultura Nok, na região onde hoje se localiza a Nigéria.

Na África subsaariana, os povos realizaram trabalhos em metais, principalmente bronze, além de utilizar a terracota, marfim e pedras preciosas. Mas o material mais utilizado pelos povos africanos certamente foi a madeira, com a qual produziram máscaras e esculturas. Elas foram e são produzidas, na maior parte das vezes, como instrumento de rituais, de maneira que se tornam também disfarces, representações de deuses, de forças da natureza, antepassados e de seres de outro mundo,

além de animais.

Outros destaques na manifestação artística dos africanos foram através da produção de máscaras que representavam toda a coletividade, e não apenas os anseios e inspirações individuais, como no Ocidente.

Para compreender a arte africana é necessário, primeiramente, desfazer a imagem que perdura de uma África homogênea, pobre, selvagem, lugar de escravos, que necessita ser civilizada. “A ascensão europeia na modernidade levou os europeus a se verem como centro da história mundial relegando os outros povos e culturas à condição de periferia” (BENEDITO, 2016, p.54), por isso, muitas vezes, a história e a cultura da África anterior à ocidentalização, ou a África Tradicional, é muitas vezes tratada como inexistente.

Em suma, a história dos povos africanos é marcada pela diversidade. Cada povo, cada reino, era independente e possuía suas particularidades sociais, econômicas e culturais, buscando a sobrevivência material, espiritual e intelectual. Compreende-se por arte africana a totalidade de expressões artísticas presentes no continente africano, sobretudo na região subsaariana. A África é grandiosa, tanto em termos geográficos, como em diversidade cultural, pois são muitos países que a compõe. Dessa forma, suas populações possuem particularidades e costumes diferentes, o que, obviamente, se reflete na arte produzida por elas.

De qualquer maneira, existem algumas características que se mantêm nas manifestações artísticas desses povos. Apesar da obrigatoriedade legal de as escolas da educação básica oportunizar o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana, esse conteúdo nem sempre se faz presente no cotidiano da sala de aula, mantendo-se ausente do currículo escolar.

Pode-se dizer que os africanos conseguiram produzir uma arte bastante livre, mas ainda assim preservando o rigor que suas tradições exigiam em busca de um entendimento da espiritualidade e ancestralidade.

## ARTE AFRO-BRASILEIRA

O termo foi criado (a partir do séc. XX que se criou o termo “arte afro-brasileira”). O que não isenta de manifestações de artistas ou artísticas que fizessem anteriormente ao surgimento de termo ou referências aos negros e à sua cultura. Falar de arte afro-brasileira é incorrer em seus diversos questionamentos quanto a sua definição, alcance e obras.

O termo “arte afro-brasileira” refere-se ao conjunto de manifestações artísticas que tiveram influências herdadas da cultura africana desde os tempos do Brasil colônia até a atualidade. Estima-se que cinco milhões de africanos foram trazidos pelos europeus ao Brasil em condições de escravizados.

Os primeiros africanos aportaram no Brasil na primeira metade do século XVI como mão de obra escrava para as fazendas e engenhos de cana de açúcar na região Nordeste. Trazidos compulsoriamente nos navios como gado, vendidos como mercadorias: ao longo de quase três séculos todas as fazendas e minas funcionavam a base do trabalho dos africanos escravizados. Eram proibidos de manifestar sua cultura –nem seu idioma nativo podiam falar-, então precisaram reinventar-se culturalmente. Essa reinvenção formou elementos nos quais está enraizado profunda e significativamente o panorama cultural brasileiro. Salum (2000, p. 113), fala sobre a arte afro-brasileira:

[...] a “arte afro-brasileira” é, antes de mais nada, contemporânea: ganhou nome neste século XX e passou a ser reconhecida como qualquer manifestação plástica e visual que retome, de um lado, a estética e a religiosidade africanas e, de outro, os cenários socioculturais do negro no Brasil. Trata-se da cultura material dos segmentos negros no Brasil, das obras representativas da cultura popular de origem africana, das releituras da arte africana tradicional.

Para além das tendências que se pode querer seguir para se desenvolver um conceito sobre a arte afro-brasileira, alguns parâmetros devem ser previamente concebidos como: é certo que os primeiros artífices negros no país eram de origem banta (do centro sul africano), e é de se supor que pelo menos uma parte deles já chegaram ao país cristianizados, devido ao processo de conversão ao cristianismo desenvolvido pelas missões dos cappuccinos ou outras missões portuguesas, iniciadas a



partir do estabelecimento dos primeiros contatos das frotas lusas com o Reino do Congo em 1482, ou seja, dezoito anos antes de chegarem pela primeira vez ao Brasil.

Para além da arte barroca, não se tem registros suficientes de artífices alforriados que pudessem fundamentar tal forma de arte dita “afro”. Por outro lado, a condição de escravo não impede, mas limita o resultado dos esforços das elaborações visuais; sendo assim, o conceito de arte afro-brasileira é recente e não teve ambiente de desenvolvimento nem um uso aplicado ao Brasil anterior às últimas décadas do séc. XX.

Vale ressaltar também que a falta de informações histórico-culturais a respeito da África e de quem foram os africanos e quais as criações e modificações culturais que eles empreenderam no Brasil, fatores de estudos ainda escassos no campo artístico impõe à formação de uma tal “arte afro-brasileira” de algum modo necessariamente relacionada também ao conhecimento e principalmente ao desconhecimento da África e da afrobrasilidade.

## ARTE INDÍGENA

Aproximadamente cem milhões de indígenas habitavam as Américas antes da chegada dos europeus ao continente. Destes, estima-se que cinco milhões habitavam o território brasileiro. Por não registrarem sua história através da escrita, pouco se sabe sobre os indígenas ou sob seu ponto de vista. O conhecimento que tem-se em parte de registros dos próprios europeus. Sob a perspectiva europeia, os índios eram descritos como “sem moral, sem religião, sem lei, sem escrita, sem Estado, sem consciência, sem razão, sem objetivo, sem arte, sem passado, sem futuro” (LAPLANTINE, 2003, p.28). Assim, dá-se o conceito de que os índios –antes da colonização eram primitivos, selvagens e que precisavam ser civilizados, pois na Era Moderna a corrida pela hegemonia de poder na Europa levou à ascensão dos povos europeus, que passaram a colocar-se no centro da história mundial, impondo essa história como verdade a todos os outros povos e culturas e submetendo-os à condição de inferiores.

A condição de acordo com essas informações dão conta de que muitos indígenas foram cap-

turados e mortos, e outros foram “colonizados”, ensinados a falar língua e se comportar de acordo com os costumes portugueses e até proibidos de falar em seus próprios idiomas, tanto que foram catequisados pelos jesuítas. Logo que chegaram ao Brasil os jesuítas viram o entusiasmo que os indígenas tinham em relação aos cânticos dos missionários, passando a utilizar o artifício da música como uma forma de aproximação com os nativos e para a sua evangelização, de modo que “referências à música em cerimônias religiosas e eventos profanos são encontradas em relatos desde pouco tempo depois da chegada dos jesuítas no Brasil até a sua expulsão em 1759.”

É um consenso na historiografia o fato de os indígenas terem muito apreço pela música, o que fica claro em uma descrição do jesuíta João Daniel, como vemos abaixo:

“São muito amigos de festas, danças, e bailes; e tem para isso gaitas e tamborins: pois, ainda que não tem ferro, lá tem habilidade para fabricarem as gaitas de algumas cannas ou cipós ocos, ou que facilmente largão o amago; e os tamborins de páos ôcos, ou se é necessario os ajustão com fogo. Uma das suas gaitas muito usadas é uma como flauta, a que podemos chamar o páo que ronca, com tres buracos, dous na parte superior, e um na inferior; e ordinariamente o mesmo que toca bate com a outra mão no tamboril. E, não há duvida que alguns o fazem com perfeição, e com suave e doce melodia, ajustando as pancadas do tamboril, ao som da flauta, bailando juntamente compassados, de modo que pódem competir com os mais destros gallegos, e finos gaiteiros’.

(DANIEL,1840, p. 356)

O encantamento dos indígenas pelo canto e pela dança, na verdade, era anunciado já na Carta do Descobrimento, de Pero Vaz de Caminha, onde lemos: “E, depois de acabada a missa, assentados nós à pregação, levantaram-se muitos deles, tangeram corno ou buzina, e começaram a saltar e dançar um pedaço.” (CAMINHA, op. cit.). Reconhecendo essa afeição, de acordo com Serafim Leite, se percebeu que a música auxiliaria na tarefa de cristianização dos ameríndios, até mesmo “para os fixar à roda duma igreja ou escola contra o maior obstáculo à civilização nascente, que era o seu nomadismo ancestral”, constatação essa que seria “uma clarividência de Nóbrega.

Desta forma, não somente esse apreço pela música, influenciado pelos jesuítas mas outras manifestações foram descobertas pelos colonizadores que os indígenas possuíam assim, sua própria

manifestação cultural como: cerâmica, máscaras, pintura corporal, cestaria e plumagem resultam em uma arte tradicional compartilhada: a arte indígena. Vale lembrar que a utilização de partes de animais no artesanato é exclusiva dos povos das florestas, mas sua comercialização é proibida. Além disso, é notório constatar que as expressões artísticas dos povos indígenas vem sendo destruídas rapidamente e até marginalizadas pela sociedade, assim como sua própria população.

A cerâmica é um exemplo de arte que não está presente em todas as tribos, sendo ausente entre os Xavantes, por exemplo. Importante destacar que os índios não utilizam a roda do oleiro e, ainda assim, conseguem desenvolver impressionantes peças.

A cerâmica é produzida principalmente pelas mulheres, que criam recipientes, bem como esculturas. Para torná-las mais bonitas, costumam usar a pintura com padrões gráficos próprios. Há muito tempo vemos e pensamos o nosso país a partir de uma perspectiva eurocêntrica, ou seja, contando a nossa história através do ponto de vista, dos parâmetros e da influência européia, resultando assim em uma construção distorcida da identidade sociocultural e uma contextualização histórica repleta de controvérsias e lacunas.

## CONCLUSÃO

O ensino da arte deve promover o entendimento do fazer artístico, da história e do contexto da arte e compreender a análise da obra como produto cultural de um tempo, de um lugar e de um indivíduo. Esse entendimento da arte somente se dá através de uma análise mais abrangente das manifestações artísticas engendradas nas culturas, menos sistêmica e fragmentada, favorecendo, assim, o resgate pleno do ser humano e do mundo que o rodeia. Nesse sentido, a arte enquanto disciplina didática deve buscar um novo olhar sobre a arte e o artista ao relativizar a cultura, o sujeito e o produto da arte além da valorização estética.

A partir dessas reflexões, é possível verificar que existem inúmeras possibilidades de abordar as culturas africana, afro-brasileira e indígenas nas aulas de arte, de forma a incentivar e promover a

valorização histórica e cultural dessas manifestações e, dessa maneira, reconhecer sua importância na construção da identidade cultural brasileira, que é marcada pela diversidade.

Diante disso, a pluralidade dessas culturas é uma temática que deve ser abordada na escola não como forma de transgressão, mas como uma maneira de desconstruir conceitos discriminativos e homogeneizantes que acabam por reduzir essas culturas como excêntricas e, até mesmo, inferiores. Uma perspectiva crítica sobre cada cultura, sobre cada elemento que constitui as produções artísticas de cada uma das etnias africanas e ameríndias é um exemplo significativo de renovação didático-metodológica no ensino de artes.

Sendo assim, a educação deve favorecer subsídios para o desenvolvimento das aptidões de cada pessoa, da maneira mais completa que for possível, ao mesmo tempo em que permite ao indivíduo assimilar e adquirir conhecimentos e saberes, sempre propiciando a criticidade e a reflexão. E uma das práticas pedagógicas que permitem o desenvolvimento da criatividade e da autonomia é a arte. A princípio, arte é conhecimento. Ainda é pertinente aos projetos a ausência dos conteúdos referentes às religiões de matriz africana, e a limitação da cultura afro-brasileira e africana apenas ao aspecto artístico.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO JUNIOR, José Garcia de. Apostila de Arte – Artes Visuais. São Luís: Imagética Comunicação e Design, 2007. 59 p.: il.

Barbosa, A. M. T. B. (2017). Educação e desenvolvimento cultural e artístico. *Educação & Realidade*, 20(2). Recuperado de <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71713>.

BENEDITO, R. M. Afrocentricidade, Educação e Poder: Uma Crítica Afrocentrica ao Eurocentrismo no Pensamento Educacional Brasileiro: Afrocentricidade e Educação. (TCC), Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

BRASIL. Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010. Institui o Estatuto da Igualdade Racial; altera as Leis nos 7.716, de 5 de janeiro de 1989, 9.029, de 13 de abril de 1995, 7.347, de 24 de julho de 1985, e 10.778, de 24 de novembro de 2003. Diário Oficial da União, Brasília, 21 jul. 2010. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2010/Lei/L12288.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12288.htm)>. Acesso em: 01 ago. 2023.

BRASIL. Ministério da Cultura. A carta de Pero Vaz de Caminha. 17 ago. 2023.

DANIEL, João. Thezouro descoberto no maximo rio Amazonas. Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – RIHGB, Tomo II, 1840, p. 356.

LAPLANTINE, F. Aprender antropologia. 14a ed. São Paulo, SP: Editora Brasiliense, 2002. 205 p.

LIMA, Hanna Karoline Macedo de. A importância de trabalhar o ensino da história e da cultura afro-brasileira e africana em sala de aula / Hanna Karoline Macedo de Lima.– Cabaceiras: UFPB, 2016.

SALUM, Marta Heloísa Leuba. Multiculturalidade e interdisciplinaridade. In: Arte AfroBrasileira: mostra do Redescobrimento. Curadoria de Nelson Aguilar. Catálogo da Exposição realizada pela associação Brasil 500 anos Artes Visuais. São Paulo: Brasil Connects, 2000.

\_\_\_\_\_. África: culturas e sociedades. 2005. Disponível em: Acesso em: 07 Ago de 2023.